

No cruzamento entre a pós-colonialidade e a globalização¹

EMANUELLE RODRIGUES DOS SANTOS
Universidade de Utrecht (Utrecht, Países Baixos)

Publicado no início de 2011 pela editora University of Minnesota Press, *Lusophone Africa: beyond independence* se coloca como um divisor de águas no campo dos estudos de cultura dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, os PALOP. Na medida em que se ocupa da análise de trabalhos produzidos entre os anos 90 e meados do ano 2000, Fernando Arenas dialoga com a crítica do campo e promove sua atualização. Partindo da proposição de que a compreensão da atual fase pós-colonial da África lusófona demanda uma análise muito mais interdisciplinar entre cultura e estruturas sócio-econômicas, o trabalho de Arenas alerta para o pouco estudado impacto da globalização nessas sociedades que, segundo o autor, se encontram numa fase já bastante diferente daquela verificada na época das independências.

Parte de uma crescente tendência revisionista no campo dos estudos culturais de países africanos lusófonos, o trabalho de Fernando Arenas se destaca pela riqueza da pesquisa firmemente documentada e interdisciplinar. Professor de Estudos Brasileiros, Portugueses e de África Lusófona na Universidade de Minnesota, nos Estados Unidos, o autor desenvolve seu argumento desfilando, sem problemas, pelas áreas de música popular, do cinema e da literatura, apresentando aquilo que chama de “uma visão caleidoscópica [...] que captura a multidimensionalidade dos cinco Países Africanos de Língua Portuguesa tal como eles têm sido formados pelos vários fenômenos associados ao pós-colonialismo e à globalização” (2011, p. XV), fazendo de seu estudo material imprescindível àqueles que se aventuram pelo mar da contemporaneidade cultural dos PALOP.

1. ARENAS, Fernando. *Lusophone Africa: beyond independence*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.

O livro é constituído por uma estrutura que conta com uma introdução, quatro capítulos temáticos que tratam as conexões entre África, Portugal e Brasil, a música popular cabo-verdiana, o cinema da África lusófona e a literatura angolana seguidos por uma breve conclusão. Na introdução, Arenas apresenta a fundamentação teórica de seu trabalho na tentativa de localizar o lugar da África lusófona nonexo entre o pós-colonialismo e a globalização. Para tanto, o autor realiza um importante exercício crítico de revisão bibliográfica que tem como foco a apresentação tanto da teoria pós-colonial quanto dos estudos em torno do fenômeno da globalização aplicados às realidades da África subsaariana.

No campo dos estudos pós-coloniais somos levados, a partir dos trabalhos de pioneiros como Almícar Cabral, Frantz Fanon e Albert Memmi, até as importantes problematizações acerca da conceptualização do termo pós-colonial levantadas por Aijaz Ahmad, Arif Dirlik e Achille Mbembe que contribuíram para o que Arenas chama de “recalibração epistemológica” (2011, p. xxiii) do campo, que se dá em meados dos anos 2000. Segundo o autor, é a partir daí que o estudo da pós-colonialidade deixa de se concentrar no cultural e passa a permear também as esferas políticas e econômicas articulando-se às teorias de globalização. Por fim, Arenas termina seu capítulo introdutório oferecendo aos leitores um panorama das múltiplas posições geopolíticas da África lusófona no mundo globalizado contemporâneo. Recebem destaque a indústria petrolífera angolana, o crescimento desse setor em São Tomé e Príncipe, a importância da diáspora cabo-verdiana na economia do país, o papel da Guiné-Bissau na rota do narcotráfico e a situação promissora da economia moçambicana.

Em seguida, Arenas amplia o estudo da situação econômica dos países do PALOP e foca na relação transnacional entre a África lusófona, Portugal e Brasil dos períodos coloniais até o presente. Aqui, ao analisar as conexões culturais, materiais e ideológicas que permeiam as relações entre esses três espaços, o autor atenta para os processos de globalização entre esses territórios, apresentados como uma alternativa às relações globais de natureza Norte-Sul. Pensando noutras conexões tais como as de natureza Sul-Norte e Sul-Sul, o argumento desenvolvido segue paralelamente ao conceito de *Black Atlantic* desenvolvido pelo teórico britânico Paul Gilroy, que ressalta a importância das trocas e da contribuição da diáspora negra para a economia, sociedade e

culturas brasileiras e portuguesas, fazendo do estudo dos fluxos migratórios entre esses espaços um dos pontos de destaque deste capítulo. Adicionalmente, Arenas reserva ainda espaço para tratar tópicos que vêm ganhando atenção no campo das humanidades tais como a lusofonia, o comunitarismo lusófono e os persistentes ecos do luso-tropicalismo na pós-independência africana.

Os três capítulos seguintes dão corpo à parte mais analítica da obra. Depois dos dois capítulos anteriores de cunho majoritariamente conceitual, Arenas desenvolve seus estudos de caso nos terrenos da música popular, do cinema e da literatura que sustentam sua hipótese. É fato que o autor escolhe muito bem os objetos culturais que se propõe a analisar. O estudo da importância da música popular cabo-verdiana refletida pelo sucesso internacional de Cesária Évora empreendido por Arenas nos possibilita compreender como a demanda internacional vêm impulsionando a indústria da música cabo-verdiana. Da mesma maneira, sua análise do cinema lusófono que compreende o estudo de treze filmes produzidos entre o final da década de 80 e meados dos anos 2000 revela como as dinâmicas do capitalismo global que sustentam a indústria cinematográfica na África lusófona se expressam, também, no seu eixo temático. Dessa forma, o autor confere sólida sustentação à sua tese de que a pós-colonialidade recente, tal como experimentada pelos Países Africanos de Língua Portuguesa, é moldada também pela dominante sócio-econômica da globalização.

Um diálogo mais aberto com a crítica aparece, contudo, justamente no último capítulo do trabalho em que Arenas foca a literatura angolana. Partindo da análise do papel da narrativa na emergência dos estados africanos lusófonos, Arenas identifica uma renovação literária que toma corpo nesses espaços a partir da abertura à economia de mercado. A partir daí, seu estudo, que se concentra nas obras de Pepetela, Manuel Rui e Ondjaki, interpreta a literatura à luz da complexa relação sócio-econômica que se desenvolve no período recente da pós-colonialidade angolana. As dominantes temáticas da nação e das identidades ganham novos significados, assim como as estratégias narrativas ganham novas cores, incorporando estruturas intrínsecas da pós-modernidade que terminam por comprovar uma mudança real e em progresso não apenas na literatura angolana, mas verificável também nas outras Literaturas Africanas em Língua Portuguesa.

É justamente a abrangência do panorama caleidoscópico deste trabalho de Fernando Arenas que lhe assegura uma posição de divisor de águas nos estudos de cultura dos Países Africanos de Língua Portuguesa. Seu trabalho exala uma espécie de perfume de completude, visto que, os recentes desdobramentos da música, o cinema e a literatura, quando analisados juntos, iluminam uns aos outros na medida em que se fazem partes do retrato muito mais amplo do universo cultural ao qual pertencem. Adicionalmente, ao sublinhar a mudança de paradigmas que se instaura nessas sociedades a partir da abertura econômica dos anos 90, Arenas contribui para que continuemos atentos ao fato de que África continua sendo lugar de processos que seguem na marcha do tempo, acelerados pela velocidade imposta pelo fenômeno da globalização. Assim, Fernando Arenas inova na forma e no conteúdo, nos restando apenas torcer para que sua obra seja traduzida em breve para o português e que, mais acessível aos leitores de língua portuguesa, tenha maior circulação entre os pesquisadores das culturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Recebido em 06 de maio e aprovado em 31 de maio de 2011.